



FLÁVIA CÔRTEZ

Senhora das Névoas

edelbra



Flávia Côrtes

Senhora das Névoas

Ilustrações de Amanda Grazini



coleção MEDO

EDUELEBRA

© do texto: Flávia Côrtes, 2011

© das ilustrações: Amanda Grazini, 2011

COORDENAÇÃO EDITORIAL – Caio Riter

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO – Juliana Dischke

ILUSTRAÇÕES – Amanda Grazini

REVISÃO – Elaine Maritza da Silveira (Conforme Novo Acordo Ortográfico)

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Edelbra Gráfica 1ª edição, 1ª impressão

CATALOGAÇÃO NA FONTE: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

C828s Côrtes, Flávia Senhora das Névoas / Flávia Côrtes ; ilustrações de Amanda Grazini.

– Erechim: Edelbra, 2011. xxx p. : il. ; 16 x 23 cm. – (Coleção Medo, v.3).

ISBN 978-85-360-1104-2

1. Literatura infantojuvenil. I. Grazini, Amanda, ilustradora. II. Título. III. Série.

CDU 087-5

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de atendimento: 54 3520.5030

cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

*Venha! Ó criança humana! Para as selvagens
águas e matas, De mãos dadas com as fadas,
Pois o mundo é mais cheio de mágoa do que
possas imaginar.*

W. B. Yeats

Prólogo

A madrugada ia alta quando ela se esgueirou pelos corredores do palácio ainda usando seus trajes de festa. As celebrações do Solstício de inverno tinham terminado há poucas horas e certamente estavam todos exaustos e profundamente adormecidos. Como raramente acontecia, a densa névoa penetrara toda a ilha e não apenas os arredores, facilitando seus planos para aquela noite. Havia vários meses que planejava aquela ação nos mínimos detalhes, para que tudo saísse perfeito e a Senhora do Lago não desconfiasse de nada. Ao passar por um dos aposentos, no entanto, teve uma surpresa. Mais alguém sabia de seu segredo.

– Eileen! Não faça isso! Ainda há tempo de desistir, minha irmã. – uma jovem aparentando ter acabado de entrar na adolescência a segurava com força pelo braço.

– Me deixe, Norah! O cálice também me pertence. É de todos nós.

– Você não pode entregar assim um objeto mágico de tamanho valor. E ele é de todos nós porque somos um só povo, Eileen. Você não pode trair sua própria gente! Não pode trair os Sidhe!

– Você não sabe o que diz. Não sabe o que é amar de verdade. Não sabe o que sofro por estar longe dele. Vive cercada de luxo e beleza e aceita todas as ordens que a grande Senhora e Rainha lhe dá.

– Não são ordens, são direcionamentos. Não somos obrigadas a nada aqui, você sabe.

– Pode ser, mas estou farta de tudo isso. Quero algo melhor para mim.

– O que pode ser melhor que viver em solo sagrado? Cercada por todas as belezas e prazeres possíveis? E ainda termos a oportunidade de sermos iniciadas nas artes da magia e de conhecer os segredos deste e de outros mundos. Não desperte a fúria da Senhora da Guerra, Eileen.

– Ela pode ser senhora de muitas coisas, mas não de mim!

– Irmã, não entregue o cálice. – Norah fez uma última tentativa.

– Pare com isso, Norah! Deixe-me! – exclamou a outra, livrando o braço que permanecia cativo. Os traços do rosto, antes delicados, estavam franzidos de raiva. – É apenas um empréstimo. Ele apenas quer estudá-lo. É um mago poderoso, sabe o que faz. – completou, suavizando o tom de voz.

– Você não devia ter se envolvido tanto com um simples humano, minha irmã. – lamentou Norah.

– Simples humano? Pois saiba que ele é tudo para mim. Tudo! – bufou Eileen, ofendida, empurrando Norah de volta aos aposentos para retomar o seu caminho. – E não se intrometa mais no que não lhe diz respeito!

Em poucos minutos ela estava com o objeto mágico nas mãos, pronta para entregá-lo ao mago.

I

A noite dos ancestrais

A tarde chegava ao fim e o sono finalmente me venceu. Talvez fosse o vento roçando as folhas das árvores, talvez o suave murmúrio do lago, ou o mormaço que embalava meu corpo estirado na grama, talvez a barriga cheia pelo lanche do piquenique. Não importa. Eu adormeci. E em meus sonhos, uma voz feminina cantarolava uma canção misteriosa, numa língua que eu desconhecia. O som parecia ganhar vida e se espalhar pelo bosque, rebatendo nas árvores e retornando até mim, como a me hipnotizar. Despertei com aquela voz musical me chamando insistentemente pelo nome.

– Isa! Isa!

Abri os olhos com dificuldade, um raio de sol me ofuscava. Uma mulher desconhecida o bloqueou com seu corpo, que então pareceu irradiar luz. O vestido longo, cor de marfim, tinha um fino cinto dourado amarrado na cintura, e era de um tecido

tão delicado que não parecia real. Pele muito clara, longos cabelos escuros, quase selvagens, olhos ternos e um rosto de estátua antiga. A mulher mais linda que eu já tinha visto. Achei que ainda estivesse sonhando.

– É hora de acordar, Isa. Você esteve adormecida por tempo demais. – ela disse, e eu tive a nítida sensação de que ela não falava apenas do cochilo no bosque. A seguir, me estendeu um pequeno ramo que trazia na mão. – Você precisa se preparar. – ela continuou, muito séria. Da ponta do ramo pendia uma maçã ainda fresca.

– Me preparar para quê? – perguntei confusa, me levantando com cuidado, sem tirar os olhos da maçã. Era a primeira vez que eu via um ramo de macieira.

Ela apenas sorriu, dando um passo à frente. Me senti acuada, não tinha a menor ideia de quem era aquela mulher. A tarde chegava ao fim

e o Bosque da Barra estava quase vazio. Busquei os outros com o olhar. Estavam na beira do lago. Maurício e Luca treinavam toques de bola enquanto Bianca e Sara jogavam pão para os peixes. De certa forma, eu me sentia segura com eles tão próximos. A maçã estava agora diante do meu rosto, vermelha, hipnotizante. Ela sorria. Sorriso tranquilo, não me fazia medo. Eu então aceitei. Mais para ganhar tempo de descobrir quem era ela do que por outro motivo.

– Para o futuro, Isa. O seu futuro. – ela finalmente respondeu. – Infelizmente não temos muito tempo, terei que ser rápida, por isso preste bastante atenção. O que vou dizer agora vai mudar sua vida para sempre.

Eu não tinha palavras. O que poderia dizer depois daquilo? Estranho é que a razão me dizia que ela só podia ser louca, mas algo dentro de mim dizia para confiar. Mordi o canto do lábio, como costumava fazer quando ficava nervosa, mas desta vez com tanta força que senti o gosto metálico do sangue. Procurei por Luca, eu precisava ao menos de um contato visual para me manter segura, mas ele não estava mais onde o tinha visto. Onde estaria naquela hora em que eu mais precisava dele?

– Seu destino já foi traçado, Isa. Não lute. Apenas aceite. – ela parecia decidida a me explicar algo que achava realmente importante. Eu analisava a maçã ainda presa ao ramo, agora em minhas mãos. Não sabia por que estava dando crédito a uma desconhecida, nem por que me parecia tão importante agradá-la. Cogitei sair dali, me afastar daquela criatura estranha, mas ela não me parecia perigosa, sua voz me acalmava quase como uma canção de ninar. – Seu destino foi escrito há muito tempo, – ela continuou. – e me foi revelado pela própria deusa Dana. Você é uma descendente direta dos Sidhe, quando nós ainda convivíamos com os humanos.

Ela pareceu pensar por um instante, enquanto eu aguardava atônita.

– Será que você tem a visão? – perguntou.

Eu não sabia do que ela estava falando, mas abanei de leve a cabeça negativamente. Por incrível que pareça, era como se ela falasse de coisas que eu já soubesse, porque não me sentia surpresa com nada. Ela

pareceu decepcionada por eu não saber responder, então busquei na memória se havia algo que pudesse chamar de visão. E me peguei, surpresa, respondendo.

– Algumas vezes, quando estou muito preocupada com alguém... – eu hesitei. Ela me pareceu interessada e me encorajei a continuar. – tenho a leve sensação, por alguns segundos apenas, de que posso ver a pessoa, onde ela está e o que está acontecendo com ela naquele mesmo instante.

– Sabia que você não iria me decepcionar. – ela sorriu.

– Mas eu não disse que comprovei o que vi, – tentei explicar. – nunca tive certeza, nunca falei disso com ninguém, e nem sei por que estou falando disso agora. – busquei pelo Luca mais uma vez, ou uma das garotas, mas eles pareciam ter esquecido que eu existia.

– Isso não importa. – ela afirmou. Um tom duro na voz. – Não é nada que um bom treinamento não resolva. – por um momento ela pareceu distante e suspirou fundo. – Como eu gostaria de poder treiná-la... Mas já não é possível. Tenho que voltar para Ynys Afallach.

– Para onde? – eu não saberia repetir aquele nome. – Para Avalon. – Avalon? – repeti, tentando me lembrar onde tinha ouvido aquela palavra antes. – É como chamamos o lugar de onde venho. Ynys Afallach, ou Avalon. O princípio de tudo, Isa. Onde nosso povo se refugiou no início dos tempos.

– Fala mais. – eu me peguei pedindo. Ela pareceu contente e eu me sentia feliz por vê-la assim.

– É uma ilha, desconhecida para olhos humanos. Mas é bom que seja assim; continuamos incógnitos pelas névoas que nos protegem desde sempre. É uma terra de inigualável beleza, onde o tempo corre de outra forma e a dor não existe. Ah! Como você seria feliz por lá. Mas a sua hora há de chegar. – e a voz dela se tornou mais grave, quando notou minha insatisfação. – Você está destinada, Isa. Não lute contra o seu destino.

Bianca riu muito alto o seu riso inconfundível. Lembrei de meus amigos e desejei que estivessem longe e não se aproximassem tão cedo. Era como se eu quisesse... Não! Era como se eu precisasse que ela falasse só para mim. Havia algum tipo de conexão entre nós duas, eu podia sentir, mesmo sem entender o porquê.

– Você não me disse o seu nome.

– Tenho muitos nomes, mas você pode me chamar de Morgana. – ela estendeu a mão e acariciou uma mecha dos meus cabelos com carinho de mãe. – Sou sua ancestral, Isa. E você é a última esperança de Avalon, para que nossa amada terra jamais seja profanada e permaneça oculta aos olhares humanos. – seu olhar me invadia a alma, como se fosse capaz de ler meus pensamentos. – Algum dia você será a Senhora do Lago. Esta herança é sua por direito. – ela pareceu prestes a anunciar uma desgraça e eu dei um passo atrás, inquieta. – Mas, infelizmente, é preciso que antes se complete o ciclo.

– Ciclo? – eu repeti, sabia que havia algo a mais. – Uma brisa suave passou, balançando seus cabelos longos, que batiam quase na cintura. Ao seu lado, pequeninas folhas esvoaçavam e demoraram mais do que o esperado para voltar ao chão. Tudo nela era encantador e misterioso.

– A hora das trevas se aproxima. As sombras já espreitam. Em breve você compreenderá. Infelizmente não tenho como evitar ou dar-lhe mais detalhes, pois nem a mim foi revelado por onde ou por quem as sombras viriam, mas só você pode evitá-las. Precisava avisá-la apenas para que tenha cuidado. Há muito que desejava encontrá-la, mas tudo tem sua hora. Agora preciso ir.

– Não! Por favor... – eu tinha ouvido tudo com atenção, sem interromper, mas eu não podia permitir que ela me deixasse daquela forma.

– É preciso que eu retorne a Avalon, até que este ciclo termine. É necessário. Mas eu não poderia ir sem avisá-la e cuidei para que tenha ajuda. Assim como eu, você é também uma *faerie*, Isa, uma descendente direta do antigo e belo povo Sidh. E uma filha de Avalon nunca está só. Preste atenção aos sinais.

O ramo de macieira ainda estava na minha mão e eu o segurava como se fosse um troféu. Ou uma arma. Minha turma já se aproximava, mas Morgana não parecia incomodada e ainda falava. Como desejei não ter esquecido o celular, assim poderia gravar aquela estranha conversa e comprovar a mim mesma minha sanidade mental.

– Mas precisará primeiro vencer suas paixões, só assim poderá viver eternamente na terra sagrada. – ela completou, para meu espanto.

– E por que eu iria querer viver lá? – perguntei, verdadeiramente sem entender.

Luca e Maurício vinham em nossa direção, jogando a bola um para o outro, enquanto Sara e Bianca vinham de braços dados, cochichando algo. Certamente alguma fofoca sobre os garotos. Meu coração se inquietava, sem saber o que aconteceria com aquela aparição quando eles se aproximassem demais, porque certamente se tratava de uma aparição.

– É sua herança ancestral, Isa. – Morgana ainda dava as últimas explicações. – Sua por direito. Não lute contra o que você realmente é. Uma *faerie*. Uma fada. – senti um leve choque com a pronúncia daquela palavra. Fada. Por um momento me vi no limiar entre a loucura e a razão. Mas assim como cada uma das coisas que ela tinha dito até ali, era como se eu já estivesse esperando por aquela resposta, como se ela despertasse algo dentro de mim há muito adormecido. – Venha, Isa! – ela continuou. Uma brisa forte e densa nos rodeou e eu pude sentir a verdadeira importância daquele momento. – Para a Ilha sagrada de Avalon, que sustenta e mantém o equilíbrio dos quatro pilares do mundo: terra, água, fogo e ar.

Eu ia dizer algo. Eu precisava dizer algo. Mas não tive tempo. Os garotos chegavam e ela se despedia. Sua voz ainda ressoa em minha mente.

– Que as névoas se dissipem para você passar. – ela falou, como uma bênção.

Por um segundo, desviei o olhar, tentando distinguir os amigos por

entre a misteriosa brisa que ainda nos cercava. Tive a nítida sensação de ter visto pequenos pontos brilhantes à sua volta, mas quando fixei melhor a vista, para ter certeza do que eram, ela havia desaparecido, assim como a brisa.

No lugar que ela antes ocupava, um pássaro preto pousado. Ele me olhava tranquilo e eu pude jurar tê-lo visto piscar para mim antes de voar e desaparecer de vista.

– Cara! Muito irado! – exclamou Maurício, passando como um furacão ao meu lado e se atirando em uma das saídas de praia jogadas sobre a grama. – Um bosque em pleno asfalto! Como é que eu nunca me toquei disso? Bora fidelizar, meu povo!

– Vou traduzir. – começou Bianca, como sempre incomodada com o excesso de gírias que Maurício usava. Ela era sua melhor amiga e desejava ser algo mais, mas o garoto parecia não estar muito interessado, apesar de sua beleza escultural. – Ele quer dizer que adorou o passeio. Devíamos marcar mais vezes.

– Sim, vamos repetir. Minha princesa sempre falava deste lugar e vocês não queriam vir. – ralhou Luca, me dando um rápido beijo na boca. Geralmente eu retribuía com gosto, mas me sentia distante, como se visse minha vida através de uma tela transparente e não fizesse realmente parte dela.

O bosque estava quase vazio, já escurecia e a esta altura estávamos todos sentados sobre os coloridos tecidos espalhados pela grama. Sara ajeitava os cachos dos cabelos, que tinham embaraçado com o vento, Bianca recolhia o lixo em um saco e Maurício atacava o que tinha sobrado na cesta de piquenique.

– Você vai comer? – Maurício perguntou, me tirando daquele estado de hipnose.

– O quê? – perguntei.

– A maçã. – ele riu divertido, mostrando os incríveis dentes brancos em contraste com a pele morena. Bianca não tirava os olhos dele.

– Ah! – exclamei, me dando conta de que ainda segurava o ramo, agora próximo ao corpo, como quem carrega um bebê. – Não. Pode ficar. – respondi, soltando a maçã do ramo e entregando a ele.

– Está distraída, princesa. – disse Luca com carinho, ajeitando uma mecha do meu cabelo, que teimava em cair no rosto.

– Alguém quer? – perguntou Maurício, a boca cheia do sumo da fruta respingando para todo lado.

– Não, obrigada. – Bianca e Sara torceram o nariz.

Me deixei ficar pensativa. Confusa. Tentando entender ainda o que tinha acontecido.

– Como foi que você conseguiu uma maçã com galho e tudo? A gente nem trouxe maçã. – perguntou Sara. Mas eu não respondi. Eu estava longe dali.

– O que foi, Isa? Você está estranha. – insistiu Luca, me ajudando a levantar e me envolvendo pela cintura num abraço protetor. – Você viu a mulher que me trouxe essa maçã? – perguntei a Luca, procurando coragem para contar o que tinha me acontecido. – Quando?

– Agora. Uns minutos atrás.

– Que mulher? Não vi ninguém aqui além de você. E olha que estava caminhando em linha reta, desde o contorno do lago. – ele apontou para o longo caminho de terra batida que levava até o lago e eu já estava arrependida de ter começado aquele assunto.

– Já vai anoitecer. Acho melhor a gente ir. – eu falei, tentando fugir da conversa.

– Que é isso, Isa? – espantou-se Sara. – Justo você que vive dizendo que esse bosque é super seguro? A mais corajosa de todos, a que não tem medo de nada?

– Medo de nada?! – Maurício riu alto se divertindo. – E de barata? Já esqueceu? – ele se referia à vez que eu tinha feito um escândalo, em

plena rua, porque pisei em uma barata morta. Vexame que eu queria esquecer, mas meu amigo não deixava.

As garotas começavam a guardar as coisas. O bosque já ia mesmo fechar. Recolhemos tudo, jogamos fora o lixo e voltamos pela alameda de terra até a entrada, onde caminharíamos pela Avenida das Américas em direção ao condomínio.

A tarde tinha sido uma delícia, eu já vinha insistindo fazia tempo em levá-los ali: um pedaço de natureza no meio da cidade. Voltavam todos alegres, com muito assunto para conversar, falavam e riam alto, e eu entre eles, completamente muda, mergulhada em meus pensamentos. Com uma única palavra martelando sem parar na minha cabeça.

Fada.

Senhora das Névoas



Fadas podem ser extremamente cruéis e vingativas com quem as contrarie. Seres etéreos, sem forma definida, aparecem muitas vezes em forma humana, mas não é raro mostrarem-se com aparência assustadora. Capazes de ficar invisíveis ou de se metamorfosear, elas podem estar mais perto do que pensamos. Para o bem ou para o mal.

edelbra

